



Entre *Fanchas* e *Ladies*: Memórias de vivências lésbicas em Belo Horizonte nas décadas de 70 a 90

Janice Aparecida de Souza, *Universidade do Estado de Minas Gerais*
Alessandra Sampaio Chacham, *Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*

Resumo: Partindo das memórias de um grupo de lésbicas hoje idosas, examinamos neste artigo como, em sua juventude, essas mulheres performatizaram suas identidades em Belo Horizonte, uma cidade marcada pelo seu forte conservadorismo social e político nas décadas de 70 a 90. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas em profundidade com 21 lésbicas nascidas entre as décadas de 1930 e 1960. O conjunto das histórias de vida coletadas ilumina a resiliência e a engenhosidade com a qual se organizavam, enfatizando a importância das estratégias performativas para o estabelecimento de conexões entre pares em contextos repressivos. Identificamos que os modos pelos quais elas performaram o gênero e incorporaram uma estética visual específica emergiram como uma estratégia importante para a vivência de seus afetos proibidos de forma relativamente segura. Apesar do ambiente opressivo em que viviam, foram capazes de reconhecer e localizar umas às outras, formar laços e estabelecer uma rede de solidariedade e apoio. A compreensão dessas experiências históricas contribui para discussões em andamento no campo das identidades, resistências e mudanças sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Lésbicas idosas; Identidade; Gênero; Performance; Estigma.



Introdução

Partindo das memórias de um grupo de lésbicas nascidas entre as décadas de 1930 e 1960, que residiram durante sua juventude na Cidade de Belo Horizonte, propomo-nos a analisar como essas mulheres performatizaram suas identidades enquanto lésbicas, vivendo em um ambiente extremamente conservador e durante um período de intensas restrições às liberdades, em virtude da ditadura civil-militar implantada no Brasil entre os anos de 1964 e 1985¹. Para atingir nosso objetivo, foram utilizadas passagens extraídas de entrevistas em profundidade realizadas com 21 mulheres, hoje idosas, de forma a compreender como, nesse contexto de forte repressão social, cultural e política, foram capazes de expressar sua sexualidade e estabelecer relações afetivas e de amizade com outras mulheres dissidentes do sistema sexo-gênero. Torna-se importante ressaltar que não buscamos a definição de uma identidade lésbica única, centrada e estável, até porque essa inexistente, mas sim analisamos as estratégias adotadas para afirmarem-se em suas sexualidades e serem identificadas como lésbicas por outras lésbicas, de modo a vivenciarem suas sexualidades e afetos com relativa segurança.

O material explorado tem sua origem na tese *Vivências lésbicas na Cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado*². Nela, pesquisamos três grupos de mulheres: o primeiro composto por proprietárias de bares e boates voltados ao público homossexual, que acolheu a geração das pesquisadas e que foram identificadas por nomes de deusas mitológicas; o segundo composto por frequentadoras desses estabelecimentos que identificamos com nomes de flores; e o terceiro grupo, que ficou conhecido, na cena lésbica belorizontina no final dos anos 1970, como *Vila Sésamo*³. Para identificar este último, utilizamos nomes da literatura mundial. Este grupo mantém até hoje vínculos de amizade e convivência que remontam à adolescência, aos jogos – principalmente às partidas de

¹ Ainda que o período discutido neste artigo ultrapasse os limites cronológicos do regime militar brasileiro e o auge da repressão tenha ocorrido entre os anos de 1968 e 1974, ocorreram perseguições sistemáticas contra a população LGBT até a década de 80, como, por exemplo, a famosa “Operação Sapatão”, que aconteceu, em 1980, na Cidade de São Paulo. O receio da exposição pública em razão das batidas policiais persistiu por muitos anos entre gays e lésbicas dessa geração.

² Pesquisa realizada graças à concessão de bolsa de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes e pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

³ O apelido do grupo foi dado por uma geração de mulheres mais maduras que as jovens que compunham o grupo em uma referência à turma do *Vila Sésamo*, programa infantil de mesmo nome que foi ao ar na Rede Globo de Televisão entre os anos de 1972 e 1977. O apelido pegou e se espalhou na cena lésbica belorizontina.



futebol que promoviam com regularidade – e, à revelia do prescrito para mulheres naqueles tempos, colocou em campo e na arquibancada uma vasta gama de possibilidades de novas amizades e constituição de casais, estabelecendo uma relação duradoura numa fase mais madura da vida.

Em que pese serem mulheres de distintas origens e classes sociais, sendo que as que formaram o *Vila Sésamo* eram majoritariamente brancas e de classe média (mesmo que essa posição de classe tivesse oscilado ao longo de suas vidas), ainda assim o critério de seleção uniu os três grupos: todas autoidentificadas como lésbicas, com mais de 60 anos de idade e frequentadoras da restrita cena lésbica disponível na Cidade de Belo Horizonte entre 1970 e o início dos anos 90⁴. Esses grupos pertencem a um campo ainda pouco explorado e marcado por significativa escassez de estudos. Embora as pesquisas sobre lesbianidades sejam cada vez mais comuns, ainda são limitadas, e a falta de materiais é ainda mais acentuada quando se trata de temas específicos, como as vivências de lésbicas idosas. Essa lacuna torna-se ainda mais evidente ao considerarmos as experiências de gerações mais velhas fora do eixo Rio-São Paulo (SOUZA, J. e CHACHAM, A., 2023).

A primeira autora deste texto convive com mulheres que pertenciam a esses três grupos há cerca de 25 anos, período de escuta de muitos *causos*, alguns engraçados, outros trágicos. Foi por meio desses contatos que obtivemos as primeiras entrevistas e as indicações para as próximas, em um processo para a seleção de participantes conhecido por *snowball* ou bola de neve, no qual as entrevistadas vão indicando outras com as mesmas características e, assim, sucessivamente. Essa técnica permite pesquisar grupos de difícil acesso e, além disso, “é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e que, portanto, requerem o conhecimento das pessoas pertencentes aos grupos ou reconhecidos por essas para localizar informantes para estudo.” (VINUTO, 2014, p. 203).

A metodologia utilizada foi qualitativa, com uma abordagem de pesquisa que se concentra na compreensão e interpretação de fenômenos sociais complexos, uma vez que o objetivo foi descrever e analisar as percepções, opiniões e comportamentos das participantes, concentrando-se na qualidade ou significado das respostas. Como técnica de coleta de dados, utilizamos a entrevista em profundidade, do tipo semiestruturado com um único respondente (BAUER; GASKELL,

⁴ Optamos por colocar a idade atual das entrevistadas por entender que contextualizaria melhor, para quem lesse o artigo, o tempo histórico por elas vivido.



2002). Optamos pelas histórias de vida e seguimos o entendimento de Fortunato Mallimaci e Verónica Béliveau (2006), de que elas nos permitem conhecer o social por meio do indivíduo com base na experiência dele, bastando apenas que seja parte da comunidade que é estudada. As entrevistas foram conduzidas individualmente, filmadas ou gravadas, e os dados foram analisados utilizando técnicas de codificação para identificar temas e padrões emergentes nas respostas das participantes.

As análises dos resultados foram feitas pelas lentes das teorias feministas e *queer* pós-estruturalistas: Judith Butler (2019), Teresa de Lauretis (2019), Paul B. Preciado (2019) e Jack Halberstam (1998). Contudo, a perspectiva de entendimento que orienta as análises apresentadas é múltipla, diversa e rechaça abordagens essencialistas ao acolher a pluralidade de conhecimentos e contradições que constitui os singulares percursos de vida de cada mulher que participou do estudo.

Identidades e performances de gênero: problematizando conceitos

Ainda que o conceito de identidade seja polissêmico e, por vezes, controverso, alguns elementos comuns de suas identidades sexuais e sociais ficaram evidentes em nossas análises. A ampla gama de informações colhidas, as fotos acessadas e as imagens daqueles tempos que trazemos na memória denotam que a maneira como performaram o gênero marcou seus corpos e materializou-se na formação dos casais entre elas. Evidenciam-se em suas performatizações identitárias nuances comuns aos guetos⁵ que as uniram e que possivelmente tenham iluminado frestas para uma existência digna, apesar da heteronorma. Em consonância com Maria Luiza Heilborn (1996, p. 137), a identidade é aqui “entendida e operacionalizada na acepção de um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo

⁵ Os espaços destinados às lésbicas nas décadas de 1970 e 1980 podem ser compreendidos como guetos por sua natureza segregada e marginalizada dentro do contexto urbano e social da época. Esses locais, geralmente restritos e pouco visíveis, surgiam como refúgios diante do preconceito e da invisibilidade impostos pela sociedade heteronormativa. Contudo, a concepção de gueto não pode ser transportada para a realidade brasileira sem mediações. Embora muitos homossexuais que frequentam os espaços de sociabilidade identificados com esses públicos se refiram genericamente a esse circuito como gueto, “essa noção, talvez, seja entendida mais no sentido de enfatizar um espaço de sociabilidade e a constituição de um sentimento de comunidade, em vez de representar um território que delimita de forma tão clara a circulação dos que com ele se identificam, diferentemente do caso paradigmático de San Francisco, EUA” (FRANÇA, 2006, p.33).



social. Não se trata de uma concepção que se baseie numa substância reificada de marcas sociais estáticas”. A autora situa a identidade sexual na cultura ocidental como uma das dimensões centrais da identidade social (HEILBORN, 1996).

Judith Butler (2019) traz contribuições seminais sobre como a reprodução das identidades de gênero ocorre pelas diferentes maneiras em que os corpos são posicionados em relação às expectativas profundamente enraizadas e sedimentadas sobre as existências atribuídas de gênero:

Existe uma sedimentação das normas de gênero que produz o fenômeno peculiar do sexo natural, da mulher de verdade, ou de qualquer outra ficção social que se faça presente e seja convincente; essa sedimentação tem produzido, ao longo do tempo, um conjunto de estilos corporais que, de maneira reificada, são apresentados como configuração natural dos corpos, divididos em sexos que se relacionam de forma binária (BUTLER, 2019, p. 220).

Essa ficção, sobre a qual nos fala Judith Butler, é extremamente potente. As histórias de vida acessadas durante as entrevistas tornaram evidente o poder da ficção do gênero. As vidas das entrevistadas pendiam entre a dissimulação da orientação sexual, principalmente nos ambientes familiares e profissionais, e a reprodução do modelo binário, heterossexual e sexista. Entre papéis ora masculinos, ora femininos que performavam, transitavam as *fanchas e ladies*, entre as brumas do gelo seco, ficções, fantasias e desejos que se misturavam na toada das músicas nas baladas.

Edward MacRae (2018), ao referir-se aos “poucos locais públicos frequentados por lésbicas em São Paulo por volta de 1980”, descreve a reprodução do comportamento heterossexual no qual as lésbicas assumiam “o papel de lady – a parceira que faz o papel de ‘mulher’ – ou de fanchona – a parceira que faz o papel de ‘homem’”. Em tais relacionamentos, “as fanchonas se esforçavam ao máximo para imitar homens, chegando, em casos extremos, a usar cuecas, adotar gestos bruscos e tratar ‘suas mulheres’ de acordo com os padrões machistas vigentes na sociedade” (p. 210).

As *fanchas*, *sapatões*, *caminhoneiras*, entre outros termos e formas de expressão utilizadas por mulheres com uma apresentação mais masculina, ou as desfeminilizadas, assim como as femininas *ladies* e *sandalhinhas*, também circulavam na ainda mais restrita cena lésbica



na capital mineira entre os anos 70 e 90. Essas performances de papéis mais masculinos ou femininos funcionavam como códigos, sinalizando possíveis interesses e expectativas sobre o tipo de parceira cobiçada e qual a dinâmica sexual esperada, ainda que as expectativas ligadas a essas performances públicas não fossem necessariamente correspondidas nos espaços de intimidade (SOUZA, J. e CHACHAM, A., 2023b).

Ártemis comenta sobre essa distinção entre as mais femininas e as mais machinhas e sua fala reflete um pouco da ambiguidade que muitas sentiam ao performarem esses papéis:

Era uma característica dessa época, para as pessoas se identificarem. [...] Nos últimos 20 anos pra cá, é que acabou isso. Ainda tem alguns casais assim. Foi uma característica que nós vivemos, eu vestia terno e colete, sempre, mas é porque eu me identificava com isso, não porque eu quisesse ser homem. Eu nunca quis imaginar que eu era homem, que eu era provedor, que eu era gostoso, bonito, charmoso, não, mas eu gostava dessa imagem. Não tanto quanto a Hera, que vestia terno de loja. Mas, assim... um blazer... uma coisa mais masculina, mas não tanto de sapato social de homem, nem usava cueca, sempre detestei. (Ártemis, 65 anos)

Sem ignorar que os estudos queer estão propondo a implosão da categoria identitária, propusemo-nos a pensar essas performatizações identitárias que foram possíveis para essas lésbicas, a partir de um recorte no tempo e em dado território geográfico: a Cidade de Belo Horizonte, cravada entre as montanhas do Estado de Minas Gerais, berço da tradicional família mineira.

De acordo com a teoria da performatividade da filósofa Judith Butler (2007, p. 266), “a essência ou a identidade [...] são invenções fabricadas e preservadas mediante signos corpóreos e outros meios discursivos”. Em diálogo com Butler, Paul B. Preciado (2019) nos diz que as diferenças sexuais são performatividades normativas inscritas nos corpos como verdades biológicas e que a forma como cada um se situa nesse universo caracteriza distintas inscrições performativas da identidade. Ainda para Preciado (2019, p. 421), as abordagens queer colocam aos feminismos o desafio de abandonar a identidade natural (homem/mulher) ou definições baseadas nas práticas (heterossexuais/homossexuais) para passar a basear-se e atuar com uma multiplicidade de corpos que se erguem contra os regimes que os



constroem como “normais” ou “anormais”. Preciado (2019b) ainda acrescenta:

A identidade homossexual [...] é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual e estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural (p. 471).

De acordo com Lenise Borges (2014, p. 286), “o debate é, indiscutivelmente, político, [...] uma vez que qualquer projeto feminista de emancipação passa, necessariamente, por uma análise teórica e histórica sobre o poder, além, é claro, das dimensões éticas e políticas envolvidas nos processos de transformação social”.

Neste contexto, cabe considerar as restrições impostas no Brasil pela ditadura civil-militar sobre os desviantes da norma, afinal pesquisamos mulheres que viveram 21 anos de suas jovens vidas sob regime militar. Ainda que nenhuma delas tivesse envolvimento com a resistência política nem com movimentos sociais como o feminismo e o incipiente movimento LGBT da época, ao romperem com padrões identitários heterodominantes e buscarem, entre outras mulheres, suas parceiras sexuais, se expuseram a uma evidente abjeção social. Nas palavras de Capitu (66 anos), elas eram “tratadas como doentes e pervertidas, párias da sociedade. Um horror! A sociedade hipócrita sempre nos tratou com nojo e desrespeito”.

No entanto, com exceção das que foram donas de bares, conflitos diretos com policiais ou militares eram raros. Uma das entrevistadas, Jane Eyre (65 anos), passou por uma situação difícil ao ser flagrada com a namorada dentro do carro em um local relativamente discreto e, por isso, procurado por casais. Para se livrarem das ameaças de prisão, ambas tiveram que entregar todo o dinheiro que tinham nas carteiras. Embora o confinamento em guetos e o medo da repressão possam ter sido experiências comuns a outras lésbicas brasileiras que viveram no mesmo período, essas reservadas mineiras, que viviam na então pacata Cidade de Belo Horizonte, reagiram evitando envolvimento político e exposições. Uma das estratégias favoritas era alugar casas de campo, algumas ainda em construção, para promover festas e encontros com discrição e privacidade (SOUZA, J. e CHACHAM, A., 2023).

Essa discrição refletia-se nas formas e expressões utilizadas para a autoidentificação. Teresa de Lauretis (2019b, p. 398) argumenta que o uso das palavras gay, lésbica e queer simbolizava uma forma de contestação social, antes de ser identidade, e, graças ao movimento de



liberação gay dos anos 1970, “tornou-se motivo de orgulho e uma marca de resistência política”. No entanto, essa experiência de *orgulho identitário* não foi encontrada entre elas. Ao serem perguntadas se em algum momento se sentiram orgulhosas ou confortáveis na homossexualidade, das 21 mulheres ouvidas, 20 afirmaram nunca terem encontrado esse sentimento. Apesar do desconforto, a maioria bancou uma apresentação masculina e não se casou com homens, atitudes que denotam resistência ao que delas era esperado no contexto social e na época em que viviam.

Sendo a norma aquilo que dispensa nomeação e tendo como base o masculino como referente universal, escapar ao socialmente prescrito, às vezes, acontece antes que se tenha consciência de suas implicações. A socialização de meninos e meninas se dá de forma bastante desigual. Contudo, os depoimentos apontaram que, entre as mais desfeminizadas, a infância foi fortemente marcada pelo distanciamento das brincadeiras atribuídas às meninas.

Chama a atenção a permissividade que muitas tiveram para as brincadeiras de rua e para brinquedos *de menino*. Se na infância houve liberdade para tal, essa liberdade foi diminuindo à medida que a infância foi ficando para trás, sendo comum abrir espaço para cobranças quanto à adequação aos padrões hegemônicos de feminilidade. Quando a masculinidade se intersecciona com a lesbianidade, ela passa a ser vista como um preocupante desvio de gênero, momento em que as famílias começam a se mobilizar mais intensivamente na reeducação do gênero, como observa Jack Halberstam (1998).

Estigma, identidade e gênero: entre os limites e a segurança da invisibilidade

Erving Goffman (1988) constatou em suas pesquisas que, “em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são” (p. 43).

Embora, atualmente, seja possível acessar alguns direitos, ainda que tardiamente, como é o caso do casamento entre pessoas do mesmo sexo, nossas entrevistadas não se sentem encorajadas a expor-se e têm clareza de que a exposição as desvalorizará para uma parcela muito expressiva da sociedade. Essas *pioneiras* dissidentes do sistema-sexo-gênero pertencem a uma geração cujo tema da sexualidade



dentro da norma já era um tabu; fora dela, tanto mais. Afirmaram que teriam optado pela heterossexualidade se opção houvesse, que a vida teria sido mais fácil dentro da heteronorma. A entrevista concedida por Tia Violeta (78 anos) ilustra o que várias relataram: o encontro com um desconhecido desejo, as angústias, dilemas e os desafios dele decorrentes. Ela relatou que, quando tinha entre 19 e 20 anos, costumava ir para uma cidade do interior de Minas Gerais e lá ficava na casa de uma amiga que já tinha um namorado. Conversavam sobre o namoro da amiga, dormiam na mesma cama e “o negócio, como diz o outro, foi dando liga. Aí começou... um carinho aqui, outro carinho ali e virou um namoro. Mas a gente não sabia o que era. Não sabia!”

Essa primeira namorada passou, então, a namorar o irmão de Tia Violeta e com ele se casou, mas o romance entre elas se manteve. Foram oito anos de desassossego e culpa. Quando o segundo filho nasceu (mais um sobrinho para Tia Violeta), ela rompeu a relação. Na família, ninguém ficou sabendo do longo relacionamento que tiveram.

A descoberta da homossexualidade traz consigo, na maioria das vezes, a necessidade, ainda que inconsciente, de mantê-la em segredo. Tia Violeta (78 anos) relata que é desconfortável, que tem “vergonha, até hoje, assim, de abraçar, de alisar uma pessoa... Eu até tenho vontade, mas não faço. Eu sou muito contida”. O contato com a homossexualidade pode apresentar-se de muitas formas, sendo a vergonha e até mesmo a surpresa possíveis, como acontece quando se afixa um rótulo: antes que a própria pessoa se dê conta, alguém lhe conta.

Jane Eyre (68 anos) relatou sua primeira lembrança que pudesse insinuar interesse por meninas. Apresenta-nos um traço identitário, dando-nos a dimensão do olhar de outra pessoa sobre a criança que ela era:

Eu tinha um comportamento mais masculino mesmo. Já comentei com você, inclusive, que tinha uma empregada do meu avô que cuidava da fazenda, cozinhas e tudo. Eu devo ter feito alguma coisa que ela não gostou e eu escutei ela falar:

– Também, esse macho-fêmea...

Entendeu? Isso eu devia ter 7 para 8 anos de idade; se muito, 10. E eu nunca esqueci essa fala dela. (Jane Eyre, 68 anos)

Passados mais de 50 anos, a pequeníssima e potente frase ouvida pela criança ainda reverbera na mulher de 68 anos que afirmou: “a gente não se torna, eu nunca consegui ser mocinha”.



Em grupos desviantes, processos de estigmatização e rotulagem são comuns. Para Howard Becker (2008), aos processos de imposição de rótulos sobre aqueles designados como desviantes se seguiria a aceitação do rótulo e a busca por uma comunidade desviante na qual o rótulo se tornaria normal e foi o que nossas entrevistadas fizeram. Além de frequentarem os poucos guetos disponíveis na cidade na época, entre as mulheres que integraram o Vila Sésamo e que na velhice continuam próximas, chama a atenção os espaços de convivência mais privada que construíram. Tais espaços garantiram certa coesão e longevidade para as relações de amizade que sustentam até hoje. O desviante é alguém a quem o rótulo foi aplicado com sucesso e o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal, acarretando importantes e deletérias consequências sobre a participação social mais ampla e para a autoimagem do indivíduo, situação que pode levar as pessoas a evitarem alianças embaraçosas com a sociedade convencional.

Para Erving Goffman (1988), este tipo de comportamento é frequentemente utilizado para reduzir a tensão, facilitando a interação com outras pessoas e evitando confrontar a si e a outros com o seu estigma. Porém, tais atitudes têm consequências: se, por um lado, podem evitar descréditos sociais, uma vez que garantem a preservação do segredo, por outro, podem colocar em causa um sentimento de integridade. Ao tentarem manter um verniz de mulher heterossexual, elas precisam ocultar comportamentos não condizentes com o que é esperado em um mundo heteronormado. Isso exige um estado de atenção constante para não levantar suspeitas que as colocariam em descrédito (SEIDMAN, 2004; PONSE, 1976; GOFFMAN, 1988).

O curioso é que um número bastante expressivo das mulheres entrevistadas traz em seus corpos marcas estéticas que normalmente denunciam a orientação sexual quando vista pela lente do *senso comum*, ainda que ser uma mulher masculina ou um homem feminino não signifique necessariamente ser homossexual. Mas não estamos aqui falando de verdades e sim de olhares que pesam: por vezes, os olhos de quem vê absorvem como verdade aquilo que se materializa na concretude dos corpos. A maioria das entrevistadas formava casais “clássicos”: uma mais feminina com uma mais masculina, o que era habitual na época e persiste entre elas.

Ainda que não se identificassem com o mundo heteronormado, eram reféns dos modelos que conheciam. Karenina (64 anos) sintetiza a impressão de muitas, dizendo que elas eram “normais, com características comuns. Só algumas mulheres que andavam parecendo



um rapazinho”. Uma das entrevistadas, Capitu (66 anos), contou-nos que, embora tenha nascido com atração por meninas da idade dela, não demonstrava porque achava que só ela no mundo “sentia aquilo”.

Margarida (71 anos), ao relembrar sua infância, diz que “se parecia mesmo com um menino” e completa afirmando que essa era uma experiência comum entre as lésbicas da sua geração.

Algumas formas de performar o gênero colidem com práticas e modos de ser arraigados no patriarcado e, quando explicitadas, oferecem riscos. Ao serem percebidas, são alvo de preconceitos que podem desaguar em violências; quando reconhecidas, são vistas mais como um ‘outro’ a ser estudado do que a ser integrado em condições de igualdade.

Faz-se necessário reconhecer a legitimidade das diferenças e a necessidade de equanimidade em lugar da hierarquia enraizada na norma. Em território geograficamente marcado pela católica e tradicional família mineira, corpos dissidentes do sistema sexo-gênero foram deliberadamente invisibilizados em seus núcleos familiares. Ao saírem dele, a opção pela invisibilidade poderia garantir a proteção por vezes negada no seio familiar, primeiro núcleo de acolhimento e afeto ao qual estamos expostos. Para Luciana Souza e Mônica Duarte (2013, p. 430), “a amizade é um relacionamento importante para a vida adulta, por vezes como complemento à ausência de laços familiares fortes”.

A opção por não levantar ou *dar bandeira* foi uma escolha deliberada. Entre elas, havia clareza de que a bandeira só serviria para estigmatizá-las ainda mais. Jane Eyre (68 anos) sintetiza o comportamento e o argumento, homogêneo neste caso, do grupo: “não temos a menor necessidade de levantar essa bandeira. Não fazemos e eu entendo perfeitamente, porque se a gente olhar para o passado...”. O tom reticente e lacônico aponta na direção do que foi vivido e sofrido.

A orientação sexual das depoentes se deu em um misto de ocultamento e revelação. Entre visibilidade e invisibilidade, a depender da conveniência e do espaço, o risco precisava ser calculado. Ao Estado coube a conveniência; afinal, às invisíveis não cabem direitos. Nas palavras de Wittig (2022, p. 63), “serás-hetero-ou-não-serás” – romper com valores hegemônicos coloca em risco a ordem patriarcal, importante pilar para a manutenção de uma sociedade heterocentrada, esta muitas vezes reiterada e reproduzida em comportamentos e práticas, como ilustram alguns depoimentos, dentre eles os das provedoras.

Bovary (62 anos) afirma ter desempenhado o papel em um relacionamento e conhecido algumas outras: “mas não era uma prática comum. Naquela época, todo mundo dividia as contas, a gente dividia



um torresmo”. Contudo, entre as mulheres mais velhas que entrevistamos, dividir contas com as parceiras não era um comportamento comum ou mesmo desejável. Gerânio (90 anos) era a provedora em seus relacionamentos. Ela chegou a dar casa para uma namorada em São Paulo e afirma, junto com Perséfone (84 anos), que elas pagavam as contas, dividir de jeito nenhum: “Não. A gente não deixava, não. Quê que isso?!! Menosprezar a gente?!” Seu texto nos remete à uma construção social comum vinculada à “ vaidade masculina” quanto a ter um poder aquisitivo capaz de pagar a conta. Perséfone complementa que a prática era comum, mas “ tinha também o contrário, tinha algumas que viviam à mercê dessas”, referindo-se àquelas que nunca pagavam nada, texto que ilustra o obvio, afinal, a oferta necessita da demanda.

Magnólia (69 anos) disse só não ter sido provedora na primeira relação. Em uma ocasião, uma mulher teria dito a ela: “Ah, se você quiser ficar comigo, você passa tudo que tem para o meu nome”. E complementa: “da segunda pra frente, só namorei ladra”.

Embora com poder aquisitivo infinitamente menor do que o de Magnólia (69 anos), Caubi (69 anos) também viveu uma relação na qual ela foi a provedora. Nas palavras dela, “era uma prática comum [...] Uma era mais doninha, a outra é que fazia algo pela subsistência familiar”.

Ártemis (65 anos) disse que as “caminhoneiras” tinham essas atitudes, algumas ficaram “na merda porque gastaram tudo com as mulheres”, talvez alguma relação com o macho provedor. Muitas dessas mulheres estavam se inventando a partir dos referenciais binários que conheciam e acessavam. A prática surgiu com mais naturalidade entre aquelas que tiveram maior poder aquisitivo no passado.

Atena (72 anos) apresentou-se como uma provedora que performou a identidade de forma bastante fluida, tanto na materialidade do corpo quanto no desempenho do seu papel na relação. Contou ter ganhado muito dinheiro, que poderia “estar milionária, com uma mansão, com piscina”, mas ajudou muita gente e diz não se arrepender. “Eu estou bem, não moro na rua. Moro em um humilde apartamento, mas é meu, [...] tenho o meu carrinho ali na hora que quiser. Tenho minha vida, sou feliz, me sinto muito feliz”. Disse ter ocupado por diversas vezes o lugar de provedora, deu joias, carro e apartamento na praia para namoradas, mas que agora basta, quer viver para si. Embora ela tenha se apresentado sem cerimônias como provedora, adotou um tom reticente em algumas respostas, numa clara associação às condições modestas nas quais vive hoje.



Há uma fala bem emblemática sobre essa expectativa de que as desfeminilizadas exercessem o papel de provedoras, contada por uma entrevistada bastante masculinizada. Com quase 80 anos à época da entrevista, ela comentou que “pra ter mulher precisa ter bala na agulha, tem que ter dinheiro, ter mulher é caro”. A frase surgiu quando ela contava sobre um triângulo amoroso vivido entre Belo Horizonte e São Paulo, no qual competia com outra *fancha* por uma *lady* e se sentia em desvantagem financeira diante da *concorrente*. É provável que as histórias e dilemas vividos pelas lésbicas entrevistadas retratem histórias semelhantes vividas pela mesma geração em outros cantos do Brasil.

Hera (86 anos) também foi uma típica provedora, embora no início da sua carreira no ramo de bares e boates tenha contado com a ajuda das amigas. Ao estabelecer-se, mantinha os sítios que alugava de “portas abertas e despesas pagas”. Ao relembrar as relações que teve com mulheres, afirmou não saber se gostavam dela ou do seu dinheiro. Sobre carros, disse que teve “uma caminhonete que tinha até televisão dentro. Eu tive uma sem capota, tive uma caminhonetinha baranga que era pra fazer compra... Eu tive uns quatro ou cinco carros, mas nunca dirigi” e mostrou uma foto do Escort XR3 vermelho conversível, carro bastante caro naqueles tempos, que ocupava o centro da foto, em volta dele várias mulheres posando ao lado do cobinado objeto, motivo de ostentação e poder que nos permite ter uma percepção do tempo pretérito de apogeu e o presente de derrocada dessa mulher: “hoje em dia eu não tenho nada, [...] eu tive dinheiro que parava o sábado assim... eu chegava em casa, eu tinha cama de casal, aí eu punha o dinheiro todo, enchendo a cama de dinheiro”...

Um aspecto que chamou a atenção entre a Hera (86 anos) que vestia terno e a que se apresentou surpreendentemente feminina para a entrevista é que as identidades podem ser marcadas, mas também fluidas. A performatividade é dinâmica: ela se apresentou para a entrevista de unhas feitas, sandália rasteirinha adornada de brilhos, calça com detalhes esgarçados na perna e uma blusa de malha floral. As “roupas sociais” — blazer, terno ou smoking — ficaram no passado e em algumas fotos cujas imagens esmaeciam...⁶ Ela encarna a fluidez que as identidades podem assumir: “não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p. 17). Podem mudar também em função das decisões

⁶ Hera trouxe para a entrevista fotos de alguns eventos em seus bares e boates, eram imagens com pouco foco e esmaecidas pelo tempo. Trouxe também algumas placas que recebeu em algum evento comemorativo.



que se toma, do tipo de mulher que se deseja atrair, dos caminhos e ambientes que frequentam, das tribos que desejam participar.

Entre ficções identitárias e performances de gênero

De acordo com Lauretis (2019b), para quem os discursos sobre identidades de gênero e sexuais são políticos desde o seu início, os termos empregados atualmente no Ocidente para falar de identidades sexuais não normativas têm privilegiado gêneros, em detrimento das sexualidades ou identidades sociais. No entendimento de Stuart Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Corey Johnson (1999) reitera que o processo de desenvolvimento das identidades pode durar uma vida inteira, além de mudar ao longo do tempo e das situações vividas.

Ao adotarem padrões e posturas tão marcadamente alicerçados em estruturas patriarcais e em uma masculinidade tóxica, essas vivências nos ajudam a entender e situar o longo repertório de brigas que figuram em suas memórias. De toda forma, nenhum extremo, como os atuais e crescentes casos de feminicídio, foi relatado. Para MacRae (2018, p. 321), algumas lésbicas muitas vezes “transformavam-se em caricaturas de homens”, cujos “valores geralmente imperantes entre elas eram de um machismo exacerbado, sendo frequentes as brigas violentas entre fanchonas [...] porque uma teria tentado ‘roubar’ a mulher da outra”. Se as inúmeras brigas por ciúme, derivadas do sentimento de posse, eram comuns em seus guetos, em ambientes sociais heterossexuais eram lésbicas invisíveis, uma forma de escapar às violências físicas e simbólicas às quais estavam sujeitas. Margarida, assumidamente a mais brigona dentre as entrevistadas, conta:

Eu arrumava muita confusão, *Hera* sabe, ela sabe... muita confusão. Nas boates todas que eu frequentava eu arrumava confusão, mexia com mulher dos outros, era só para infernizar. Eu nunca levei porrada porque tinha muita gente atrás de mim para me proteger. Era comum briga, de ficar cercando assim na pista de dança... Aí você já sabia que ia sair confusão. E se saísse confusão com quem você não queria, você entrava. Quando era da sua galerinha e você gostava e tal, você entrava no trem. (Margarida, 71 anos)



Deméter, que muito presenciou durante sua longa trajetória trabalhando como garçoneiro em casas noturnas, diz:

Nossa! Eu já vi briga demais! E até hoje eu não entendo o que era e de onde vinha essa agressividade, principalmente por parte das sapatões mais masculinizadas. Eu não sei se elas queriam mostrar uma postura masculina. [...] Eu sei que tinha muita briga por qualquer coisa, ciúme, esbarrar, tudo era motivo para briga. Tinham muitas brigas violentas. De pegar a garrafa, quebrar e bater. Tinha intervenção da polícia... (Deméter, 62 anos)

Sílvia Aguião (2008), ao trabalhar com as homossexualidades nas classes mais vulneráveis, constatou que as chamadas “caminhoneiras” se situariam entre as “ativas” sexualmente e no extremo masculino da performatividade do gênero. No extremo oposto ficariam as “*ladies*” ou “passivas”, consideradas muito femininas, e as participativas ou “*flex*” – classificações que remetem às práticas sexuais, mas também se referem a “atributos estéticos, corporais e gestuais”. A autora, a partir da amostra trabalhada, diz da possibilidade de se “afirmar que a feminização dos homens e a masculinização das mulheres podem ser indicativos de uma posição de classe”. As “mulheres masculinas” e os “homens femininos” seriam os mais pobres (AGUIÃO, 2008, p. 304).

Regina Facchini (2008) estudou os circuitos pelos quais transitavam mulheres que gostam de mulheres na Cidade de São Paulo, tendo se referido a um movimento de expansão e diversificação do antigo gueto homossexual e identificado áreas e estabelecimentos frequentados por mulheres muito jovens ou mais velhas. Ela constatou que a distinção entre “masculinas” e “femininas” parece mais rígida, aderindo a padrões mais tradicionais entre as mais velhas, um achado que vai ao encontro dos nossos resultados.

Entre as mulheres que pesquisamos, a forma como performaram o gênero apareceu mais vinculada a um tempo histórico vivido por um grupo de mulheres e não foi possível associá-lo a um estrato social específico. Parece haver uma questão marcadamente geracional e, talvez, geográfica.

Outras pesquisas corroboram a existência de performances comuns em determinados universos lesbianos, variando de acordo com os períodos e os contextos sociais. Tamara Carvalho (1995), que faz referência ao Vila Sésamo em sua pesquisa, realizou uma etnografia na cidade de Belo Horizonte durante a década de 1990. Nesse estudo, ela



destacou o movimento de algumas lésbicas em direção ao distanciamento do modelo tradicional associado à identidade lésbica. A pesquisa de Carvalho coincide com o surgimento da *lesbian chic*, uma estética que enfatizava o estereótipo da mulher feminina e geralmente se associava a uma atração por outras mulheres com características femininas – um perfil que contrastava com aquele predominante entre as entrevistadas do presente estudo.

Em tempos atuais, nem sempre há valorização da composição do par masculina/feminina, evidenciando uma ressignificação do modelo que, em tempos pretéritos, foi importante para que pudessem reconhecer umas às outras. Dentre as 21 mulheres ouvidas, 17 ostentavam marcadamente características atribuídas ao universo masculino e quatro ficavam “no meio do caminho” ou “menos macho”, expressões utilizadas por duas entrevistadas, as quais consideramos oportunas para pensar esteticamente o grupo, uma vez que andrógino nos parecia insuficiente. Marcadamente feminina, nenhuma. Uma delas, Hera (86 anos), transitou de um extremo ao outro; várias, com o passar dos anos, ficaram mais desfeminizadas, possivelmente porque, com o avanço da idade e a redução da pressão social, sentiram-se mais à vontade para adotar uma performance menos marcada pela feminilidade padrão.

A maioria ostentava com naturalidade, quando da realização das entrevistas, um conjunto de atributos estéticos corporais comumente associados ao universo masculino. Referiam-se a si e às amigas no masculino com frequência. Ficamos com a sensação de que nem se davam conta, como se poderá notar em exemplos como quando Capitu (66 anos) diz: “a gente foi se fortalecendo porque era segregado” ou “a gente era famoso, mas ali só”; quando Jane Eyre (68 anos) se refere a um “fulano” quando pedia que uma das amigas se mantivesse vigilante quanto à aproximação de algum “careta”; ou, ainda, Nastasya (65 anos) ao referir-se ao grupo de amigas: “cada amigo dessa turma toda tem o seu papel na vida dele”. O mesmo ocorreu no grupo das deusas e flores: Ártemis (65 anos), ao referir-se ao grupo composto exclusivamente por mulheres, diz que era “de amigos do Vila Sésamo”; Hera (86 anos) ao afirmar ter ficado “amigo de todos lá”; Margarida (71 anos) ao referir-se às ex-namoradas que “passa a ser um amigo”; ou, ainda, Magnólia ao afirmar que “a gente era mais escondido”, ao criticar a exposição das lésbicas mais jovens.



Caubi (69 anos) fazia isso deliberadamente, gostava de tratar as amigas próximas no masculino, de maneira consciente, em tom de cumplicidade e deboche: “Era engraçado”.

Quanto à lesbofobia, ela incide de forma mais evidente sobre as mais desfeminilizadas, o que nos remete à intolerância sobre aquelas que ousam romper com o padrão de feminilidade que impera em nossa sociedade. Duas relataram terem sido alvos de violência relacionada com a orientação sexual ou a performatização do gênero. As demais, embora tenham relatado não terem sofrido violências, trouxeram elementos que evidenciam episódios lesbofóbicos.

Hera (86 anos) mostrou a cicatriz de um tiro na barriga, fruto de uma briga com o ex-marido e do rompimento com a filha; Afrodite (65 anos) contou sobre um episódio com o irmão; Perséfone (84 anos) e Atena (72 anos) falaram da difícil reação das mães quando souberam que eram lésbicas; Perséfone também chegou a ser demitida do emprego; Deméter (62 anos), além da reação da mãe, falou sobre o assédio no trabalho e a postura dos irmãos, que culminou com a saída dela de casa.

Rosa (63 anos) foi expulsa da casa dos pais; Orquídea (63 anos) precisou sair diante da reação da família, que chegou a intervir para que ela perdesse o emprego, além de ter tentado interná-la para que se curasse. Em maior ou menor grau, todas relataram ou deixaram escapar algum episódio que pelo menos tangenciou ações lesbofóbicas. Nas falas, podemos observar uma clara relativização, quando não negação, das violências pelas quais passaram.

No trabalho de Jack Halberstam (1998), as masculinidades *butches* são analisadas como expressões que desafiam as normativas de gênero e questionam os pressupostos da masculinidade hegemônica. Ao explorar as masculinidades encenadas por mulheres, Halberstam (1998) propõe que a masculinidade não é uma característica exclusiva dos homens, mas uma construção performativa que pode ser habitada e expressa por diferentes corpos. Mulheres que se identificam com a masculinidade manifestam preferências por estilos, posturas e modos de ser tradicionalmente associados ao gênero masculino, rejeitando normas femininas e expandindo os limites do que significa ser masculino. A masculinidade, nesse sentido, torna-se uma espécie de “ficção política” que perde a referência a um sujeito essencialmente masculino e abre espaço para múltiplas formas de masculinidade.

Halberstam (1998), assim, aponta para uma questão crucial: ao dissociar masculinidade do corpo masculino, seu trabalho problematiza a relação entre a masculinidade e a identidade de homem, revelando as



complexidades e as possibilidades subversivas dessa performance. O que foi possível depreender das histórias ouvidas é que alguns elementos conectaram essas mulheres. Havia uma identidade social comum, construída coletivamente naquele tempo histórico, em que a afirmação da identidade lésbica em seus territórios parece ter materializado o reconhecimento e o apoio de que precisavam e que encontravam umas nas outras para resistir à sociedade heteronormativa.

Embora as identidades não possam ser essencializadas e as maneiras de se performar gênero se mostrem atravessadas por subjetividades tão singulares quanto as de cada pessoa sobre a face da terra, há características e elementos comuns entre elas, interligando-se ao tempo vivido e ao lugar geográfico que ocuparam, o que não significa dizer que suas identidades não tenham se alterado ao longo do tempo; elas se alteraram. No caminho percorrido, alguns elementos triviais oferecem pistas a partir das vivências nos guetos, hábitos e preferências, como se vestiam, como eram suas relações sociais e afetivas, o que consumiam, quais repertórios musicais as embalavam, quais lugares frequentavam, com quem e o que faziam neles. Para Teresa de Lauretis (2019), o sistema sexo-gênero é:

tanto construção sociocultural quanto aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos inseridos na sociedade. O fato de alguém ser representado ou se representar como feminino ou masculino “subentende a totalidade daqueles atributos sociais. [...] A proposição de que a representação de gênero é a sua construção, sendo cada termo a um tempo o produto e o processo do outro, pode ser reexpressa com mais exatidão: a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação (LAURETIS, 2019a, p. 126).

Em outras palavras, é um sistema porque a anatomia dos corpos determina papéis, disputa e age sobre a realidade, validando certos corpos e tornando outros abjetos. Nessa perspectiva, a feminilidade em um corpo masculino ou a masculinidade em um corpo feminino comumente provoca reações de rejeição, pois extrapola a forma e o significado socialmente construídos para *homem* e *mulher*. Para Tia Violeta (78 anos), hoje em dia está tudo meio misturado, mas naquela época “era mais visível porque sempre tinha uma mais masculina e uma mais feminina, mais *coquetezinha*. Para Macrae (2018), assim como entre homem e mulher, estão ocorrendo mudanças notáveis também



entre casais homossexuais e está havendo uma diluição da dicotomia ativo/passivo, a par de maior democratização do relacionamento.

Mesmo em períodos anteriores, quando a formação de casais seguia padrões e categorias bem definidas — nas quais era comum, entre as entrevistadas, que aquelas que performavam o gênero masculino se relacionassem com mulheres de aparência feminina —, a figura de uma *chefe de família* estava ausente. Na maioria dos casos, as despesas e tarefas eram compartilhadas, e seus relatos apontaram que, pelo menos no cotidiano, havia pouco espaço para dinâmicas de dominação/submissão.

No entanto, embora os casais sejam hoje mais igualitários e haja um equilíbrio razoável na divisão de deveres e tarefas, a configuração baseada na dicotomia masculina/feminina ainda persiste entre elas. A desconstrução do perfil masculino é pouco frequente, mas ocorreu com Hera (86 anos). Ao ser indagada sobre o surpreendente visual feminino apresentado no dia da entrevista, disse: “Não é feminino, não. Só não uso saia. Só quando estava casada usava.” E acrescenta que foi princesa do comércio de Belo Horizonte, “antes da vida gay”. Chama a atenção a diferença do visual da Hera que transitava pela noite em trajes masculinos e a que se apresentou para a entrevista, talvez a valorização atribuída ao masculino pela sociedade a tenha seduzido a ponto de se metamorfosear tanto durante o período que esteve no comando de suas casas noturnas. Há chance também de que o visual assumido se relacione com o perfil de mulheres que desejava atrair ou que passou a desejar, tendo em vista que já havia performado no feminino. Ao ser perguntada se já havia namorado uma mulher mais masculina, respondeu com um categórico e enfático não!

A questão da identidade não é de ordem teórica, mas política: a “identidade sexual não é a expressão instintiva da verdade pré-discursiva da carne e sim um efeito de reinscrição das práticas de gênero no corpo” (PRECIADO, 2019b, p. 416). Com performatizações de gênero tão fortemente marcadas, precisavam proteger-se de violências físicas ou simbólicas, proteção que encontravam nos guetos que construíram para si. Para Goffman (1988), a identidade social de um indivíduo divide o seu mundo de pessoas e lugares, e as contingências do encobrimento são parte da moralidade empregada para manter tudo no seu devido lugar. Assim, tanto o encobrimento quanto o acobertamento estão implícitos, permitindo um controle estratégico sobre a própria imagem e o que ela conta/oferece aos outros, o que estabelece uma cooperação tácita entre os normais e os estigmatizados.



No campo dos constrangimentos, ainda em dias atuais, a palavra lésbica é um marcador importante e não faz parte do contexto discursivo das mais velhas; há uma verdadeira aversão ao termo. Capitu (66 anos) acha-a “muito difícil, muito pesada, feia, igual a fanchona, soa mal, palavra usada para maltratar”.

Ártemis (65 anos) endossa a dificuldade com a palavra que, para ela, era “pesada. A gente não aceitava. Nunca aceitava. Ela sempre foi usada pejorativamente para classificar as pessoas. É mais o peso”.

Algumas considerações possíveis

À guisa de conclusão, a maneira como essas sexagenárias, septuagenárias, octogenárias e nonagenárias lésbicas performaram o gênero não se apresentou como uma escolha deliberada. A aproximação com características socialmente atribuídas ao universo masculino foi surgindo ainda na infância. As preferências, as brincadeiras na rua, os tipos de brincadeiras e a forma como se vestiam foram uma construção espontânea, na percepção das entrevistadas. Contudo, isso se materializou em um elemento importante para as identidades que abrigavam em seus corpos. Essa construção visual e estética acabou se constituindo em um recurso valioso para identificarem umas às outras e, a partir daí, estabelecerem suas relações de forma relativamente segura.

A identidade pode ser vista como uma potência que aglutina. Por permitir que um/a seja identificado/a por um/a outro/a, pode funcionar também como proteção em uma trincheira na qual semelhantes se escolhem, acolhem e tentam proteger-se. Se, em tempos atuais, nos deparamos com a formação de casais cujas marcas de gênero se apresentam menos evidentes, mais instáveis e fluidas, no passado, alguns marcadores identitários se mostraram estrategicamente fundamentais.

As lésbicas idosas por nós entrevistadas disseram que reconheciam de longe quem também era e se aproximavam. Identificavam pelo jeito de olhar, de gesticular e pelas coisas que faziam, como puxar uma cadeira para a outra, dando pistas.

Partindo de aspectos da vida pessoal e social e em consonância com Hall (2006) – de que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente e que ela é formada na *interação* entre o eu e a sociedade –, foi possível identificar, entre as entrevistadas, elementos – conscientes ou inconscientes – que colaboraram para a construção, ainda que temporária, de uma



identidade lésbica tecida nos guetos e grupos sociais da geração focalizada. Uma identidade constituída de elementos que possibilitaram a elas a produção de sentidos e significados para uma vida divergente da convencional, em tempos de intensas restrições de liberdades impostas pelo regime militar, que pretendia vigiar e punir agremiações, ações, mentes e corpos. As estratégias adotadas por dissidentes sexuais da norma, principalmente durante a ditadura civil-militar, precisavam encontrar meios de existir entre uma esquerda homofóbica e uma direita reacionária e conservadora.

Algumas vivências de preconceitos e discriminação comuns às lésbicas oscilam entre a aversão e o desejo. Em ambas as situações, a vulnerabilidade feminina há que ser levada em consideração.

Ao performarem um gênero, seus corpos e posturas questionavam códigos, regras e normas sexuais vigentes. O corpo é um território político e a identidade de gênero é vivenciada na carne. Sua construção é um processo contínuo e permeado por elementos de várias ordens: históricas, culturais, religiosas, literárias, midiáticas e pelos mais diferentes espaços e ambientes pelos quais se escolhe ou se é obrigado a transitar. Essa miríade de elementos que possibilita a construção das mais diversas redes de relacionamentos sociais possibilitou também entre as entrevistadas a construção de uma identidade comum, marcada pela repetição estilizada de certos atos que rejeitaram e confrontaram, com suas existências e corpos, muito do que foi esperado e desejado pela família e sociedade. Afinal, a identidade configura-se na relação com o outro, ela é também um papel que se desempenha.

O grupo pesquisado evidencia que a homossexualidade delas ainda é velada na maioria dos ambientes pelos quais transitam e persiste o regramento dos gestos. A recente possibilidade de uma exposição pública da homossexualidade, antes de as encorajar e ser vista como um direito, apresenta-se como desrespeito às outras pessoas, como se o amor, o afeto e a manifestação delas não fossem um direito humano legítimo. São os efeitos do vivido cristalizado.



Referências

AGUIÃO, Silvia. “Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão!” Homossexualidades femininas em um espaço de lazer do subúrbio carioca. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 1, p. 293-310, 2. sem. 2008

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Imagem, Texto e Som*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (2002).

BORGES, Lenise Santana. Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias... *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 280-289, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 dez. 2020.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.

BUTLER, Judith. *El género en disputa: El feminismo y la subversión de la identidad*. Tradução castelhana de M. A. Muñoz. Barcelona: Paidós, 2007.

CARVALHO, Tamara Teixeira de. *Caminhos do desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte*. 1995. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279040>. Acesso em: 16 abr. 2020.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na Cidade de São Paulo*. 2008. 323 f.



Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: movimento GLBT e mercado GLS na Cidade de São Paulo*. 2006. Dissertação (mestrado em Antropologia Social), PPGAS - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham & London: Duke University Press, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARDIE, Lisa; JOHNSTON, Lynda T. It's a way for me to feel safe in places that might not really be gayfriendly: Music as safe lesbian space. In: BROWNE, Kath; FERREIRA, Eduarda (Orgs.). *Lesbian Geographies*. Gender, place and power. Burlington: Ashgate, 2015. p. 113-132.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 136-145. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/publicacoes/112_1042_serouestarhomossexual.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

JOHNSON, Corey W. Living the game of hide and seek: Leisure in the lives of gay and lesbian young adults. *Leisure*, Florida, v. 24, n. 3-4, p. 255-278, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14927713.1999.9651268>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a. p. 121-155.

LAURETIS, Teresa de. Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.).



Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b. p. 397-409.

MALLIMACI, Fortunato; BÉLIVEAU, Verónica Giménez. Historia de vida y métodos biográficos. In: Gialdino I. V. de (Coord.). *Estrategias de investigación cualitativa*. Barcelona, Editorial Gedisa, 2006. pp. 175-212.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.

PONSE, Barbara. Secrecy in the Lesbian World. In: WARREN, Carol (Ed.). *Sexuality: Encounters, identities, and relationships*. Beverly Hills: Sage, 1976. p. 53-79.

PRECIADO, Paul B. O que é a contrassexualidade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a. p. 411-419.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b. p. 421-430.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the Closet: The transformation of gay and lesbian life*. New York: Routledge, 2004.

SOUZA, Janice de (2022), *Vivências lésbicas na Cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 226 p.

SOUZA, Janice Aparecida de; CHACHAM, Alessandra Sampaio. O pessoal é político: reflexões sobre resistências lésbicas entre as montanhas de Minas Gerais durante os anos de 1970-1990. *Simbiótica*. [S. l.], v. 10, n. 2, p. 120–139, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/40028>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SOUZA, Janice A. de; CHACHAM, Alessandra S.. Histórias de lésbicas irmanadas em uma confraria em Belo Horizonte (MG). *Sexualidad*,



Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 39, p. e22204, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/pXVDPT533LmVHc9WKGBmZBk/?lang=pt> Acesso em: 19 nov. 2024b.

SOUZA, Luciana Karine de; DUARTE, Mônica Grace. Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 29, n. 4, p. 429-436, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZmzL8Svf5F865hvTmfMbpv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 29 maio de 2023.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Trad. Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.



Between Fanchas and Ladies: Memories of Lesbian Experiences in Belo Horizonte from the 1970s to the 1990s

ABSTRACT: Based on the memories of a group of lesbians who are now elderly, this article examines how, in their youth, these women performed their identities in Belo Horizonte, a city marked by its strong social and political conservatism, from the 70s to the 90s. To collect the data, in-depth interviews were conducted with 21 lesbians born between 1930 and 1960. The set of life stories collected sheds light on the resilience and ingenuity with which they organized themselves, emphasizing the importance of performative strategies for establishing connections between peers in repressive contexts. We identified that the ways in which they performed gender and incorporated a specific visual aesthetic emerged as an important strategy for experiencing their forbidden affections in a relatively safe way. Despite the oppressive environment in which they lived, they were able to recognize and locate each other, form bonds and establish a network of solidarity and support. Understanding these historical experiences contributes to ongoing discussions in the field of identities, resistance and social changes.

KEY WORDS: Older lesbians; Identities; Gender; Performance; Military Dictatorship.

Janice Aparecida de Souza

<https://orcid.org/0000-0002-2572-4385>

Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.



Entre *Fanchas e Ladies*:

Memórias de vivências lésbicas em Belo Horizonte nas décadas de 70 a 90

34

<http://lattes.cnpq.br/7253817916362097>

Contato: janice.souza@uemg.br

Alessandra Sampaio Chacham

<https://orcid.org/0000-0002-6651-9863>

Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, doutora em
Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Lattes <http://lattes.cnpq.br/362135790213101>

Contato: achacham@pucminas.br

Recebido em: 05/07/2023

Aprovado em: 30/12/2024